

**ACTES DEL VII CONGRÉS  
DE L'ASSOCIACIÓ HISPÀNICA  
DE LITERATURA MEDIEVAL**  
(Castelló de la Plana, 22-26 de setembre de 1997)

**Volum II**

**EDITORS:**  
**SANTIAGO FORTUÑO LLORENS**  
**TOMÀS MARTÍNEZ ROMERO**



**UNIVERSITAT  
JAUME·I**

## BIBLIOTECA DE LA UNIVERSITAT JAUME I. Dades catalogàfiques

**Asociación Hispánica de Literatura Medieval. Congreso Internacional (7è :  
1997 : Castelló de la Plana)**

Actes del VII Congrès de l'Associació Hispànica de Literatura Medieval :  
(Castelló de la Plana, 22-26 de setembre de 1997) / editors, Santiago Fortuño Llorens,  
Tomàs Martínez Romero. — Castelló de la Plana : Publicacions de la Universitat  
Jaume I, 1999

3 v. ; cm.

Bibliografia. — Textos en català i castellà

ISBN 84-8021-278-0 (o.c.). — ISBN 84-8021-279-9 (v. 1). — ISBN  
84-8021-280-2 (v. 2). — ISBN 84-8021-281-0 (v. 3)

1. Literatura espanyola-S. X/XV-Congressos. I. Fortuño Llorens, Santiago,  
ed. II. Martínez i Romero, Tomàs, ed. III. Universitat Jaume I (Castelló). Publicacions  
de la Universitat Jaume I, ed. IV. Títol.

821.134.2.09"09/14"(061)

Cap part d'aquesta publicació, incloent-hi el disseny de la coberta, no pot ser  
reproduïda, emmagatzemada, ni transmesa de cap manera, ni per cap mitjà  
(elèctric, químic, mecànic, òptic, de gravació o bé de fotocòpia)  
sense autorització prèvia de la marca editorial.

© Del text: els autors, 1999

© De la present edició: Publicacions de la Universitat Jaume I, 1999

Edita: Publicacions de la Universitat Jaume I  
Campus de la Penyeta Roja. 12071 Castelló de la Plana

ISBN: 84-8021-280-2 (segon volum)  
ISBN: 84-8021-278-0 (obra completa)

Imprimeix: Castelló d'Impressió, s. l.

Dipòsit legal: CS-257-1999 (II)



# FONTES DO COMENTÁRIO AO APOCALIPSE DE APRÍNGIO DE BEJA

ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO  
*Universidade de Lisboa*

**A**PRÍNGIO DE BEJA é um dos raros escritores hispânicos da primeira metade do séc. vi. Segundo Isidoro de Sevilha, escreveu no tempo de Têudis, que reinou entre 531 e 548. O *Comentário ao Apocalipse*, único texto da sua produção literária que subsistiu, reveste-se, por isso, de particular interesse. Primeiro, pela obra em si, pelas características do seu estilo e por ser um testemunho de que algo havia em matéria de centros de cultura numa época considerada de profunda barbarização. Em segundo lugar, porque nos permite vislumbrar, nos seus inícios, o substrato em que se apoia a reflexão e o saber de um escritor da latinidade hispânica da época visigótica.

Esta comunicação pretende, a partir de um estudo de fontes, rastrear quais as leituras e que textos enformavam, mentalmente, um clérigo da primeira metade do séc. vi na Hispânia.

É conhecimento adquirido e demonstrado que uma das fontes de Apríngio de Beja é o comentário ao Apocalipse de Vitorino de Petau. É, porém, insuficiente dizê-lo de uma forma tão simplista, porque entre os dois autores há diferenças fundamentais na concepção geral do comentário, no espírito que o enforma e na interpretação simbólica da maior parte dos termos e das figurações do texto comentado.

Em primeiro lugar, Apríngio faz um comentário seguido, versículo a versículo, ao passo que Vitorino se limita a seguir apenas aspectos que considera fulcrais. Em segundo lugar, o Pacense procura estabelecer uma linha de continuidade discursiva entre os passos comentados. Em terceiro lugar, o tom de Apríngio é mais teológico, doutrinal e místico, enquanto em Vitorino vem ao de cima um certo pragmatismo voltado para a correcção dos comportamentos e para a moral. Há, finalmente, entre os dois autores, um grande número de pontos de vista e de interpretações divergentes.

Os casos de transcrição literal são assumidos e indicados, como uma alternativa a uma primeira interpretação, por *aliter* ou expressão equivalente, o que facilita a detecção dos lugares paralelos provenientes de Vitorino de Petau. Estas citações feitas directamente, com livro à vista, reduzem-se, contudo, a

um número limitado de frases, que no conjunto não ultrapassam duas ou três páginas. Mas são suficientes para demonstrar com toda a evidência que, na Lusitânia, em Beja, numa época que os historiadores consideram de profunda crise económica e anarquia social, circulavam manuscritos, liam-se textos vindos de outros quadrantes e partilhava-se de uma cultura comum ao mundo cristão ocidental. Há variantes que podem indiciar a origem desses manuscritos, mediante um estudo da transmissão do texto de Vitorino de Petau. «Absconsum» (Apríngio) por «absconditum» (Vitorino), «ne timerent inrigationem Dei» (Apríngio) por «ne timerent ultra diluuium in generatione Dei» (Vitorino) são variantes que remetem para um estado do texto de Vitorino na primeira metade do séc. VI, como era lido por Apríngio. Com toda a probabilidade, a lição «in generatione Dei» é uma corruptela de «inrigationem Dei» como se lê em Apríngio. Quando um copista mais atilado se deu conta do sem sentido de «ne timerent in generatione Dei», introduziu, solicitado pelo contexto, o termo «diluuium», criando como resultado uma frase deveras estranha: «ne timerent diluuium in generatione Dei». Pela leitura de Apríngio temos acesso a uma família de manuscritos com leituras diferentes e, provavelmente, mais próximas do arquétipo. Assim sendo, uma edição crítica do comentário de Vitorino de Petau será enriquecida se tiver em conta o texto de Apríngio como testemunho indirecto.<sup>1</sup> Algumas dessas variantes poderão ser da autoria de Apríngio ou dos copistas do seu texto, introduzidas para corrigir o que se lhes afigurava erro, como é o caso de «claritas quod dixit, apparitio illius fuit», corrigido para «claritas quam dixit», etc. O Beato de Liébana lê «quod» e não «quam».

Um outro processo de aproveitamento da leitura e meditação do comentário de Vitorino por parte de Apríngio consistiu na reelaboração e reordenação dos elementos lidos e assimilados. Em geral, a adaptação deixa a fonte irreconhecível. Veja-se, por exemplo, num e noutra autor, o comentário aos versículos 7-10 do capítulo quarto do Apocalipse, onde se fala da adoração prestada pelos quatro animais que se encontram em volta do trono. A interpretação de que os quatro animais simbolizam os quatro evangelistas é comum aos dois autores. Pode mesmo dizer-se que Apríngio aprendeu na leitura de Vitorino essa simbologia. Mas ao mesmo tempo, a disposição das ideias, a forma ele-

---

1. Variantes desta natureza encontram-se ainda nos seguintes passos transcritos literalmente por Apríngio em: I, 13 («Item aliter: ... ecclesiis»); I, 14 («Item aliter: ... incendium» e «Item aliter: ... adoraturi»); I, 16 («Aliter: ... glorie solis»); II, 17 («Manna... Christianum est»); II, 27-28 («Item aliter: ... adnuntiat»); IV, 3 («Vidisse... sed ignem»); V, 1 («Item aliter: ... iudicium»); V, 3 («Item aliter: ... devincere»); XX, 1-6 («Mille anni... ut arena maris»); XX, 8-10 («Hoc etiam... novissimum»).

gante da composição, a reordenação e ampliação das citações bíblicas fazem do comentário do Pacense, sobre este ponto, um texto novo e original trabalhado sobre materiais conhecidos. Nem sequer restam grandes testemunhos do vocabulário de Vitorino. Vê-se que «ad ipsam altitudinem caeli contendit» (Apríngio) evoca «ad altiora festinans» (Vitorino), que «quasi aquila volans» (Apríngio) equivale a «aquilae similis» (Vitorino), que «de ipso proprie loquitur Deo» (Apríngio) é inspirado em «de Verbo Dei disputat» (Vitorino). O que há de novo em Apríngio é a evocação do início do Evangelho de S. João «in principio erat Verbum», como que para retomar e refazer a equivalência perdida na expressão simplificada «de Deo loquitur» que substitui «de Verbo Dei disputat». Acima de tudo ressalta, da comparação destes elementos, como do conjunto, um grande sentido literário e artístico da parte de Apríngio, não raro uma maior profundidade teológica, obtida graças à acumulação de passos bíblicos relacionáveis entre si e à amplificação das ideias inspiradas em Vitorino.

Não foi sem razão que Isidoro escreveu: «Apringius Ecclesiae Pacensis Hispaniarum episcopus, disertus lingua et scientia eruditus, interpretatus est Apocalypsin Joannis Apostoli, subtili sensu atque illustri sermone, melius pene quam veteres ecclesiastici viri exposuisse videntur» (*De Viris illustr.*, PL 83, 1098). Maior arte na composição, mais brilho no estilo, mais clareza na exposição, mais riqueza de doutrina e não menos erudição teológica, sem dúvida.

No comentário a *Apoc.* iv, 8 (*Et quatuor animalia, singula eorum habebant alas senas, et in circuitu eius plena sunt oculis*) Vitorino fixa-se no significado do número 24, que representa o número dos livros do Antigo Testamento, remetendo o leitor para o *Epítome* de um certo Teodoro, cuja identidade e obra se desconhece. Desenvolve a seguir a ideia de que tudo o que se realizou no Novo Testamento foi anunciado no Antigo, o que constitui só por si uma prova da verdade contida no Novo: «Nec praedicatio Novi Testamenti fidem habet, nisi habeat Veteris Testamenti praenuntiata testimonia». Mais um desenvolvimento que relaciona as 24 asas com os 24 anciãos conclui o comentário de Vitorino a este passo, deixando de fora alguns aspectos. Apríngio, por seu lado, mais amplo nas suas perspectivas, aproxima a visão do Apocalipse da de Ezequiel (1,9) estabelecendo a mesma relação entre os dois Testamentos, mas de uma forma palpável e explícita. Depois, um pouco mais místico que Vitorino, explica o significado do facto de os 4 animais terem olhos por dentro e por fora: «Quod in circuitu et intus plena sunt oculis, spirituali docet intellectu divina intro inspicienda mysteria, et extrinsecus luminata sacramento mysterii, ut lumen quod interius concipitur, clarescat exterius» (iv, 8). Há neste comentário um certo apelo à interioridade e à contemplação, apelo que, a nível de simples indícios, se manifesta em expressões como «consternatus

potentiae contemplatione», «collecto intrinsecus flatu», «qui a Domino perciperit verbum, mente percipit», «post inspirationem animarum, post mysterii revelationem», «per contemplationem rerum spiritualium» (IV, 1). Além disso, encontra-se em Apríngio uma certa insistência em tópicos como a humildade e a pobreza muito característicos da vida monacal: «Paupertatis eligantiam praefert, quod potenter praesentia contemnit, ut futura mereatur» (II, 9). Não há dúvida de que «Paupertatis eligantiam» (escolha da pobreza) e «praesentia contemnit» (renúncia ao mundo) apontam para um tipo de vocabulário próprio da espiritualidade monástica. Enfim, dispunha de uma informação e de uma leitura directa de obras, como veremos adiante, fora do vulgar. Tratar-se-á de um Bispo de origem monacal, como pouco depois Martinho de Braga no noroeste peninsular? Todo este conjunto de indícios não autoriza mais que uma simples hipótese. Note-se, no entanto, que a referência a monges é bem clara nas actas dos concílios hispânicos.<sup>2</sup>

Deixemos, entretanto, estes aspectos e voltemos aos pontos comentados por Apríngio e abandonados por Vitorino.

Apenas dois. As seis asas de cada animal são os seis dias da grande semana do mundo. O *Sanctus*, três vezes repetido, declara a Trindade de uma só substância.

Isto é ir mais longe, é introduzir novos temas de reflexão que se tornaram tópicos enformantes de toda a mentalidade medieval: a expectativa do fim dos tempos e o mistério da Santíssima Trindade, um e outro objecto de longas exposições.

Em suma, em Apríngio são mais amplos os temas evocados a propósito do comentário. Muita coisa foi-lhe inspirada pela meditação do Apocalipse, pela sua capacidade de relacionar entre si os textos da Escritura, que conhecia com grande profundidade de análise. Mas, sem dúvida alguma, muito do seu saber, do seu vocabulário e capacidade de expressão lhe vieram da leitura dos Padres da Igreja, sobretudo das obras que tratavam temas de exegese bíblica. Não é exagero afirmar que Apríngio era um especialista em questões bíblicas.

Nem sempre, porém, se consegue identificar, em cada caso concreto, a proveniência de tal ou tal ideia, dado que as diferenças entre Apríngio e Vitorino são, muitas vezes, um traço da originalidade do Pacense. Um caso exemplificativo é o comentário ao versículo 5 do cap. IV do Apocalipse: «Et de throno

---

2. Uma dessas referências, que supõe a instituição monástica já bem assente, é a do *Concilium Tarraconensem*, que se realizou no tempo de Apríngio, concretamente no ano de 526. Aí se lê: «Monachi a monasterio foris egredientes ne aliquod ministerium ecclesiasticum praesumant agere prohibemus, nisi forte cum abbatis imperio» (Martínez Diez, 1984: 278).

procedebant fulgura et voces et tonitrua...». Vitorino apresenta o seguinte esquema interpretativo:

- globalmente, os relâmpagos, as vozes, os trovões e as tochas ardentes significam as pregações, as promessas de adopção e as ameaças;
- particularmente, os relâmpagos significam o advento de Cristo; as vozes, as pregações do Novo Testamento; as tochas ardentes, o dom do Espírito Santo; os trovões, a origem celeste da palavra.

Apríngio começa por aproveitar esta última ideia e, numa frase de maior alcance, explica que «toda a pregação dos antigos Apóstolos, e também toda a doutrina celeste e santa procedem do juízo de Deus e da sua inspiração». De Vitorino fica a ideia; as «praedicationes», no plural, passaram a «praedicationem» no singular; manteve-se o adjectivo «coelestem». De resto, é introduzido um conceito novo, o da inspiração dos autores sagrados, um conceito amplo que engloba tanto os do Novo como os do Antigo Testamento, e deixa uma porta aberta para incluir nesse conceito o magistério da Igreja de todos os tempos, assistida do mesmo modo pela inspiração divina. Os relâmpagos e os trovões passam assim a significar as palavras dos Santos e as vozes dos pregadores, e não apenas o advento de Cristo. Mantém-se a simbologia das tochas ardentes, interpretadas como os sete dons do Espírito Santo, indiciando uma elaboração doutrinal mais precisa, e denotando, sobretudo, outras preocupações teológicas e outras controvérsias, as do Pelagianismo, em frases como «omnia haec ex uno auctore procedere confitemur», «Cuncta haec non proprium initium sumit sed ex throno Dei, ex voluntate scilicet et potestate creatoris vel imperio procedentia demonstrantur» (IV, 5), «Non ergo ulla creatura laudare dominum potest, nisi de throno Dei munus laudationis acceperit, et vocem sanctae inspirationis exceperit et audierit (XIX, 5).» Há outros indícios de que Apríngio se preocupa com o pelagianismo. «Impeccantia» (XXI, 15) é um desses indícios, que aparece em Jerónimo no *Dialogus contra Pelagianos* (PL 23, 569 e 571) e no *De Pelagio* (PL 45, 1696 e 1703). O mesmo termo poderia, no entanto, ter sido colhido na leitura de João Cassiano, uma vez que é usado com a conotação que lhe dá Cassiano e não com a conotação negativa com que surge nos autores que combatem o pelagianismo.

Uma coisa é certa, é que estas ideias, se não estas frases, surgem no ambiente da controvérsia antipelagianista em defesa do primado da graça sobre a capacidade da vontade humana para atingir a salvação. Note-se que, em plena actividade de Apríngio, o II Concílio de Orange, no ano de 529, condenou, em 25 proposições, o semipelagianismo, e, indirectamente, o próprio Cassiano. Na Lusitânia, Apríngio tomou conhecimento dessa condenação.

Quando ele se refere a hereges, heresias e pureza da fé não tem em mente apenas o Arianismo, em cujo ambiente escrevia, mas também outras formas de pensamento heterodoxas que afligiam a Igreja, não já hispânica, mas universal, do seu tempo. E repetimos: em Vitorino são outras as preocupações, entre as quais avultam as marcas apologéticas do seu comentário, particularmente visíveis no facto de recorrer com frequência a duas ideias: o Deus do Antigo Testamento é o mesmo que o do Novo Testamento; a doutrina daquele anuncia e prefigura a deste; as predições do Antigo Testamento consumaram-se com a vinda de Cristo.

Este universo de intenções diferentes levou a uma acentuada diversidade de perspectivas dos dois comentadores, embora, sem dúvida, com grandes margens de contacto.

Na verdade, também Apríngio glosa o tema da unidade dos dois Testamentos e de que o Novo realiza e completa o Antigo. Fá-lo, no entanto, não com um objectivo apologético, mas antes como motivo de contemplação e oração: «cum haec vaticinia repetuntur, et per illos, ut adoretur Excelsus, corda hominum praeparantur» (IV, 10); «Significat sine dubio, universam scripturae seriem ad laudem referri dominicam; atque omnem honorem, virtutemque illi soli exhiberi Deo, propter cuius voluntatem, quae scripta sunt extiterunt» (IV, 11). Palavras como «adoretur», «ad laudem referri», «omnem honorem, virtutemque exhiberi» são prova de que o mesmo tema é levado a outros fins e pressupõe um ambiente e um público destinatário de grande elevação, sensível ao convite a altos voos contemplativos.

Além da transcrição directa, em número, como vimos, reduzido, estes casos que temos vindo a analisar são do domínio de um tipo de dependência que poderíamos chamar remota, na medida em que o texto seguido é profundamente reelaborado até deixar apenas ténues indícios da sua forma de origem. Só num caso concreto Apríngio utiliza a técnica do recorte e encaixe, copiando à letra um excerto de Vitorino, omitindo uns passos e introduzindo outros provenientes de outros lugares. Assim fez com o capítulo XX, um capítulo extremamente crítico, pois nele se coloca o problema do milenarismo. Apríngio sente-se dividido entre uma tradição com nomes autorizados e as posições ortodoxas. Começa, por isso, por apresentar três interpretações.

Primeiro, a de Vitorino de Petau que entende que o reino dos mil anos está a decorrer desde o nascimento de Cristo e se prolongará até ao fim do mundo. A primeira ressurreição é entendida como a ressurreição pela fé: «se resuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto» (XX, 1-6). As diferenças entre os dois autores são mínimas: «transire mortem», «a credentium cordibus» (Vitorino), «mortem transire», «a credentibus» (Apríngio). Provavelmente estas variantes constariam já do manuscrito utilizado por Apríngio. Uma delas

parece representar uma lição melhor do que aquela que a transmissão directa de Vitorino nos proporciona: «saeviturus adversus ecclesiam» (Apríngio), o que faz pleno sentido, face a «se ulturus adversus ecclesiam» (Vitorino), o que não faz muito sentido, uma vez que se trata da grande perseguição dos últimos dias e não de vingança. A omissão de «scilicet de sexta aetate» para explicar «sexto die» pode significar que se trata de uma glosa incluída posteriormente, e, portanto, alheia ao original de Vitorino.

O importante é que esta espécie de encaixe permite ver com mais nitidez a natureza da composição de Apríngio. De facto, os seus editores têm observado que o texto de Apríngio, desde v,5 até xvii,16, é o da recensão de Jerónimo do comentário de Vitorino de Petau. Pergunta-se se terá sido Apríngio o autor desta inclusão ou se ela terá sido obra posterior de um copista. Férotin é de opinião que foi um copista que substituiu as páginas centrais de Apríngio pelas de Vitorino-Jerónimo. Alberto del Campo Hernández defende, com razão, a opinião contrária. São estas as suas palavras: «Opinamos también que la copia que hoy poseemos es idéntica a la que salió de las manos de Apríngio; es decir, que fue el, quién completó su comentario con el de Victorino para los capítulos centrales del Apocalipsis» (Campo Hernández, 1991: 36). A análise que acabamos de fazer ao capítulo xx confirma plenamente esta opinião.

Apríngio teve nas suas mãos um exemplar do texto de Vitorino de Petau. Mas teve também muitos outros textos. De Jerónimo consultou, sem lugar para dúvida, a *Interpretatio chronicae Eusebii*. Da notícia da *chronica* –«Prophetia Agábi, quae in Actibus Apostolorum famem in toto orbe futuram dixerat sub claudio expletur» (PL 27, 579)– extraiu o conteúdo da frase: «Claudii Caesaris tempore, quando fames illa invaluit, quae ab Agabo propheta in Actibus Apostolorum annis decem venire nuntiata est...» (I, 9). Para que não restem dúvidas da sua fonte, Apríngio indica-a, utilizando expressamente o plural «relatores» (Eusébio/Jerónimo): «Sicut relatores ecclesiastici docuerunt». Do comentário da epístola *Ad Ephesios* veio «Ephesum enim dicit voluntas sive consilium meum», com uma sintaxe incompreensível. Como Jerónimo escreveu «Ephesus in latinam linguam interpretatur voluntas, sive consilium meum», provavelmente a frase de Apríngio deveria ser: «Ephesus enim dicitur voluntas sive consilium meum». Pelo menos é esse o sentido do estranho «Ephesum enim dicit voluntas sive consilium meum». O importante é que podemos afirmar que em Beja, na primeira metade do séc. VI, havia o comentário aos Efésios. Dispensando-me de demonstração idêntica, digo ainda que Apríngio leu os comentários bíblicos de S. Jerónimo. Uma outra obra que Apríngio manuseou com frequência foi o *De nominibus hebraicis*, do qual foram tirados os significados etimológicos e simbólicos de umas dezenas de nomes próprios. «Thyatira quod est illuminata» (I, 11), «Thyatira inluminata» (Lagarde: 72, 8). «Sardix

est principium pulchritudinis» (I, 11), «Sardis principi pulchritudinis» (Lagarde:81, 4) –a deturpação de «pricipi» para «principium» já se encontrava no ms de *De Nom. Hebraicis* que Apríngio consultou. De facto, o desenvolvimento «initium habeat pulchritudinis» supõe a lição «principium pulchritudinis» e não «pricipi pulchritudinis», como é óbvio. «Philadelphia, quod interpretatur salvans haerentem Domino» (I, 11) ignora o significado que lhe atribui Agostinho– «Philadelphia quae mystico nomine per linguam Graecam fraternam intimat caritatem» (*Contra Epist. Parmeniani*, 1, 7, 12) –e fixa-se no significado de Jerónimo: «filadelfia salvans harentem Domino» (Lagarde: 80, 18). «Laodicia, quod est tribus amabilis Domino» (I, 11) procede de «laodicia tribus amabilis domini» (Lagarde: 80, 23)– a variante «Domino» poderá ser apenas uma correcção do copista ou remontar ao ms que Apríngio utilizou. Uma segunda hipótese apresentada por Apríngio –«nativitas expectatur» (I, 11)– insinua outra fonte («ut quidam volunt»), mas, de facto, é decalcada sobre «sed melius natiuitas expectata» também de Jerónimo (Lagarde: 77, 13). A variante «expectatur» por «expectata» terá uma das explicações atrás sugeridas. «Zmirna, quod est canticum eorum» (II, 8) vem de «smyrnae cantico eorum» (Lagarde: 81, 4). «Nicolaita enim interpretatur effusio vel stultitia ecclesiae languentis» é uma cópia de «nicolaitarum effusio siue ecclesiae languens uel stultiae ecclesiae» (Lagarde: 80, 29), adaptada à sintaxe da frase. «Balam, qui interpretatur sine populo uel absque substantia» (II, 14) remete para «balaam sine populo uel absque substantia eorum siue in eis» (Lagarde: 3, 24). «Mosoch, id est, capitis» é uma deturpação de «mosoch capientes» (Lagarde: 50, 15). A deturpação deve-se sem dúvida a erro de cópia, que as edições deviam corrigir, uma vez que imediatamente a seguir se lê em Apríngio «Mosoch, id est capitis..., ut capiat». É claro que a relação de significado que se estabelecia era de «capiat» com «capientes» ou «capiantis», e não com «capitis». A confusão vem do facto de, umas linhas antes, ser correcta a leitura «principium capitis Mosoch et Thubal, ut initium Europae designaret». O contexto aqui é outro, uma vez que «capitis» aparece relacionado com «initium». Um estudo pormenorizado das fontes podia trazer algumas melhorias a uma edição de Apríngio.

E poderíamos continuar esta lista infundável de fontes no que diz respeito a «Balac», «Ierusalem», «Gog», «Magog», «Mosoch», «Thubal», «Persa», «Aethiopes», etc. É notável o conhecimento bibliográfico dos comentários bíblicos de S. Jerónimo por parte de Apríngio, uma vez que algumas das glosas remetem, não apenas para o *De nominibus Hebraicis*, mas ainda para os comentários exegéticos, como é o caso do comentário a Habacuc –fonte de «Aethiopes exponuntur tenebrae» (xx, 9-10, *PL* 25, 1316)– e do comentário a Ezequiel –«mosoch quos ioseph interpretatur cappadoces, inde thubal quos idem iberos uel hispanos...» (*In Ezechielem*,

xI, 38, 1476)– fonte de «quia Mosoch Cappadociam significat, Thubal autem Hispaniam...» (xx, 9-10).

Todos estes indícios são seguros e concludentes. Há, no entanto, um conjunto de vocabulário e de expressões, mais difuso, que nem por isso deixa de caracterizar o ambiente espiritual e intelectual em que Apríngio se move. «Humanitatis fragilitate» (prefácio) aparece em Zenão de Verona (*Tractatus*, liv. II, 7, 85), em Apônio (*in Cant. Canticorum*, liv. 9, 434) e em Cassiodoro (*Psalmus* 37, 274 e 325), este praticamente contemporâneo de Apríngio. São ambientes e formas de expressão idênticas que representam uma cultura comum. «Humana fragilitas» ocorre com abundância em Cassiano. Desta rede comum mencionem-se ainda vocábulos e conceitos como *corporatio*, *carnis assumptio*, *carnis assumptae*, *spiritus septiformis in virtutibus*. «Corporatio est assumptio humanitatis» encontra-se em Lactânio (*Div. Institut.*, iv, PL 6, 528). Poderia ter sido daqui que Apríngio tomou a expressão; ou simplesmente absorveu-a da linguagem dos seus mestres. Nem sempre é possível identificar com certeza absoluta a origem de tais expressões, porque elas são o sedimento de um domínio cultural muito vasto e difuso. *Divinitatis unitas* é uma expressão que aparece em Potâmio (PL 8, 1416), em Hilário de Poitiers (PL 9, 671), Ambrósio de Milão (PL 16, 789), Agostinho (PL 42, 896). São apenas indícios de que Apríngio dominava o vocabulário teológico de escola e que conhecia os temas de uma boa parte da literatura exegética dos Padres da Igreja. Ao comentar o significado de «Ego sum alpha et omega», interpreta o A como símbolo da unidade da Trindade, porquanto é constituído por três traços: «Nam ipsa littera ‘A’, tam in graecis litteris, quam in latinis, tribus deducitur virgulis pari aequalitate porrectis: unde non immerito divinitatis unitatem dixerunt esse maiores» (I, 8).

De notar, nesta citação, três dados: a origem da informação (os *maiores*), a constituição da letra e o seu significado.

Quanto à fonte, encontramos a descrição e o significado do ‘A’ em Paulino de Nola (353-431), em Agostinho (354-430), Fausto de Riez († c. 490). Em Paulino de Nola encontra-se explicada a configuração da letra: «Tribus virgis» (*Carmen* 19, 643). Apríngio limitou-se a mudar «Tribus virgis» em «Tribus virgulis». Em Agostinho encontra-se a explicação do alfa: «quod nos facimus ‘a’ litteram, illi lingua sua ponunt alpha, et uocatur alpha unum» (*Tractatus* 10, 12, 14). A expressão «circuli rotunditate concluditur» encontra-se em Cassiodoro (*Salmus* 91, 66). Mas Cassiodoro apenas em 550 se terá retirado para Vivarium. É, por isso, difícil sustentar em qual dos sentidos vai a influência. Mas se há dúvidas quanto ao sentido da dependência relativamente a Cassiodoro, não as pode haver em relação a Apônio (séc. v), que tinha desenvolvido a mesma interpretação sobre a rotundidade do ómega. Para ambos os autores a rotundi-

dade significa que Deus é a plenitude de todo o universo: «continens omnia» (Apríngio, I, 8), «impleo caelum et terram» (Apónio, *In Cant. Canticorum*, liv. 5, 291).

Temos, no entanto, de reconhecer que há um fundo de leituras comuns a vários autores, que não passam pelo contacto directo entre as suas obras. Uma leitura de um clássico cristão, suficientemente meditado, pode produzir efeitos muito idênticos em autores subsequentes sem que isso prove dependência entre eles. Por exemplo, «Quae perysteram per graecum computum octingentos reddit, quod est omega, et ad alpha revertitur quod est unum» (Apríngio, I, 8), parece ter como fonte Tertuliano, mais um autor conhecido de Apríngio: «columbam in Iesum uenisse, quae graeco nomine cum περιστερά pronuntietur, habere secum numerum DCCCI» (*Adversus omnes haereses*, CSEL: 222, 9). O mais certo, porém, é que «septiformem Sancti Spiritus gratiam», uma expressão que se encontra textualmente em Cesário de Arles († 542) (*Serm.* 124, 5, 15), não passa de uma expressão vulgar no séc. VI. Mas que existe identidade, não há dúvida.

À mesma sensibilidade ideológica pode pertencer um texto de Cassiodoro —«pro octaua uero, ut quidam uolunt, domini significatur aduentus, quando finita saeculi hebdomade, ad iudicandum uenerit mundum» (*Psalmus* 6, 3)— onde se encontra o conceito de «hebdomada mundi» (Apríngio I, 12). E do mesmo modo podemos citar um sem-número de expressões que fazem parte do vocabulário especializado da elucubração teológica e exegética: «ineffabilis praescientia», «humana substantia», «interioris hominis auditum», «mors secunda», «christiani non nomine tantum esse», «inimicus humani generis», «interitus Satanae», «assumptus homo», «fidei candor», «mysticum numerum», «dum uenerit Antichristus», e muitas outras expressões são comuns à maioria dos autores da tradição patrística.

Apríngio possuía uma formação literária vasta, no domínio da teologia, da exegese e da espiritualidade. E sabia expor as suas ideias com clareza e elegância, que se manifestam na escolha do vocabulário e na ordem das palavras. As suas frases terminam em cadências rítmicas perfeitas, segundo a prática do  *cursus* acentual, já em uso nas primeiras orações da liturgia romana. Uma fórmula como «Deo magistrante», aliás toda a feição paralelística do prefácio em que se integra, dá-nos a medida da influência dos textos litúrgicos em Apríngio. É imprescindível ter adquirido boa preparação literária quem assim escreve. Não há dúvida de que, seja onde for, na Lusitânia, houve uma escola de qualquer tipo, monástica ou episcopal, para a formação dos clérigos. Nessa instituição, monacal ou episcopal, havia uma biblioteca em que rastreámos a existência do comentário ao *Apocalipse de Vitorino-Jerónimo*, do *De Nominibus hebraicis*, da *Interpretatio cronicae Eusebii*, dos comentários a *Habacuc*, a *Ezequiel* e

aos *Efésios*, e com certeza de outros comentários de Jerónimo. De Agostinho havia pelo menos a *Cidade de Deus*. De Paulino de Nola havia os *Carmina*. Só isto já era considerável, embora não haja vestígios de nenhum autor clássico. Mas havia, provavelmente, também outros textos de Agostinho, Ambrósio, outros padres da Igreja, cuja presença não é possível demonstrar com tanta segurança. Apríngio é um espelho da bagagem intelectual e literária que um clérigo do início do séc. VI transportava consigo. Com essa bagagem fazia a sua vida interior e constituía o seu pensamento para novas reflexões e criações literárias. Mas se os seus horizontes não vão muito além da teologia, da espiritualidade e da exegese bíblica, possui uma boa preparação linguística e retórica que lhe permite dar expressão às suas formas de pensamento.

## BIBLIOGRAFIA

- C. CODOÑER, (ed.) (1964): *De Viris illustribus*, Salamanca.
- CAMPO HERNANDEZ, Alberto del (ed.) (1991): *Comentario al apocalipse de Apringio de Beja*, Editorial Verbo Divino, Pamplona.
- CLERCQ, Carolus de, (ed.) (1963): *Concilia Galliae A. 511 - A. 695*, C.C. Turnhout.
- Corpus Christianorum, series Latina* (1953 ss): *Continuatio Mediaevalis* (1966 ss), Turnhout.
- Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum* (1866 ss.). Viena.
- LAGARDE, P. (1959) (ed.): *S. Hieronymi Presbyteri, liber interpretationis Hebraicorum nominum*, C.C. LXXII, Turnhout.
- MIGNE, J. P., (ed.) (1844-1864): *Patrologiae cursus completus, series Latina*, Paris.
- VICTORINUS EPISCOPUS POETOVIONENSIS, *Commentarii in Apoclypsin Ioannis* (PL, v, 317; PLS, I, 103)